



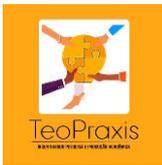
O diálogo social como construtor de paz: uma leitura missionária a partir do pensamento da psicanalista Melanie Klein

*The social dialogue as a peace constructor:
a missionary reading based upon the ideas of the
psychoanalyst Melanie Klein*

*Jairo de Jesus Menezes
Sergio Esteban González Martínez*

Resumo

Este artigo apresenta a teoria psicanalítica de Melanie Klein, principalmente os três termos importantes do seu pensamento no que se refere ao desenvolvimento do sujeito: a posição esquizo-paranóide, a posição depressiva e o amor, culpa e reparação, em harmonia e diálogo com a proposta de Igreja do Papa Francisco. Esses dois pensadores proporcionam luzes numa sociedade conflitiva, intolerante e excludente, especialmente no que diz respeito à tomada de consciência da responsabilidade e na integração de todos os membros no tecido social. Por meio de estudos bibliográficos, pretende-se ressaltar o processo de desenvolvimento do sujeito na noção de amor, culpa e reparação nos relacionamentos pessoais e comunitários, a importância do reconhecimento da dimensão social do Evangelho e a necessidade do diálogo como construtor de paz na casa comum. Ante os desafios atuais, este artigo propõe fomentar a consciência de considerar-se artesão da paz, com maturidade para lidar com conflitos, capacidade de gerar encontros e tolerância para dialogar com o diferente.



Palavras-chave: Melanie Klein. Papa Francisco. Paz social.

Abstract

This article presents Melanie Klein's psychoanalytic theory, mainly, the three important terms of her thought regarding the development of the subject: the schizo-paranoid position, the depressive position, and love, guilt and reparation; in harmony and dialogue with the proposal of the Church of Pope Francis. These two thinkers provide insights into a conflicting, intolerant and excluding society, especially with regard to awareness of responsibility and the integration of all members into the social fabric. Through bibliographical studies, the process of personal development in the notion of guilt and reparation in personal relationships, the importance of recognizing the social dimension of the Gospel and the need for dialogue as a builder of peace in the common home are highlighted. In the face of current challenges, this article proposes to foster awareness of considering oneself a craftsman of peace, with maturity to deal with conflicts, ability to generate encounters and tolerance to dialogue with the different.

Keywords: Melanie Klein. Pope Francis. Social peace.

Introdução

As relações sociais no contexto contemporâneo são caracterizadas pela falta de tolerância ao semelhante, pela exclusão daqueles que pensam e agem diferente, pela incapacidade de lidar com os conflitos. Isso faz com que, cada vez mais, a beleza da realidade poliédrica – imagem proposta pelo Papa Francisco como modelo de inclusão e paz – se perca no conflito. Nesse contexto, a Igreja está chamada a anunciar o Evangelho da paz e a construir pontes, relação, tolerância, diálogo e unidade, tendo em conta a realidade pluriforme da sociedade: etnias, línguas, nações, povos, cultura etc. Unir todas as partes da figura numa unidade, com objetivo e meta em comum, é a missão dos discípulos missionários da atualidade. Essa tarefa, por ser complexa, precisa de esforço e participação de todos os pacificadores, como, também, de um diálogo interdisciplinar; por isso, esse trabalho apresenta um diálogo entre psicanálise e teologia.

O pensamento da psicanalista Melanie Klein pode – nesse contexto de intolerância e fragmentação da realidade – proporcionar algumas luzes para melhorar a arte dos relacionamentos, ressaltando a importância da integração do sujeito como uma única realidade e edificando o sentido de culpa e reparação nos relacionamentos maduros e responsáveis. Três termos importantes são apresentados e desenvolvidos neste texto: a posição esquizo-paranóide, a posição depressiva e o amor, culpa e reparação. A primeira posição demonstrará a clivagem – separação – que o sujeito, desde os primeiros meses de vida, realiza no relacionamento com os objetos. Na realidade de um indivíduo recém-nascido, a esquizo-paranóide divide o primeiro objeto de relação em “bom” e “mau”. Posteriormente, a posição depressiva auxiliará o sujeito a perceber que a rejeição e agressão ao objeto “mau” também danificam o objeto “bom”, por ser uma única realidade. Sendo assim, o indivíduo progressivamente vai integrando o “bom” e “mau” num objeto inteiro. Logo, o amor, a culpa e a reparação auxiliarão, no sentido de responsabilidade, os danos ocasionados ao objeto. Na tentativa de reparar a agressão ocasionada na posição esquizo-paranóide, o sujeito progressivamente tomará consciência da responsabilidade dos atos.

1. A posição esquizo-paranóide

A psicanalista Melanie Klein nasceu em Viena, em 1882, e foi uma figura destacada no que corresponde à segunda geração psicanalista mundial. O seu pensamento é identificado – dentro das correntes do freudismo – como kleinismo, e a sua doutrina contribuiu, de maneira ressaltante, no desenvolvimento da escola inglesa de psicanálise na Grã-Bretanha. Melanie transformou o pensamento clássico do pai da psicanálise, Sigmund Freud, por completo, dando origem à psicanálise de crianças – realidade nova nesse contexto, ao considerar-se que a psicanálise só podia ser praticada em pessoas capazes de realizar associação livre – e à nova técnica didática no tratamento e análise das mesmas. Essa inovação provocou, na vida de Klein, o reconhecimento do seu pensamento e a sua nomeação como chefe da escola.¹

A posição esquizo-paranóide do pensamento kleiniano é o primeiro termo a ser pesquisado neste artigo. Essa posição é empregada de maneira particular por esta psicanalista, e possibilita – posteriormente – a vivência da posição depressiva rumo à progressiva tomada de consciência do sentimento de

¹ ROUDINESCO, E.; PLON, M., Klein, Melanie (1882-1960), p. 430-431.

culpa e reparação no indivíduo. Esses conceitos kleinianos podem auxiliar os relacionamentos humanos contemporâneos, principalmente no processo de amadurecimento pessoal e social, convidando o ser humano – já desde criança – a fazer a experiência da importância da culpa e reparação nos relacionamentos com o outro. Mas, para a devida compreensão desta posição esquizo- paranoide, precisa-se indagar o sentido etimológico da palavra. Pode-se compreender a posição esquizo- paranoide em três sentidos: como etapa normal do processo de desenvolvimento humano, como patologia que se manifesta no ponto de fixação da psicose esquizofrênica e como momento de regressão temporária da personalidade não-psicótica.

O primeiro sentido etimológico da posição esquizo-paranoide como etapa normal do desenvolvimento do ser humano, indica o processo de funcionamento mental da criança segundo o pensamento kleiniano. Isso corresponde, aproximadamente, aos três ou quatro meses de vida do bebê. Sendo assim, essa etapa é vista como natural no desenvolvimento pessoal, considerando que o “ego” manifesta características de um estado particular, ou seja, “fragilidade, falta de coesão, desagregação; estados emocionais, mecanismos defensivos e relações de objeto característicos”.² Desta maneira, segundo Melanie Klein, a palavra esquizo-paranoide – neste sentido – não conota nenhuma patologia, por ser uma etapa natural do desenvolvimento humano.

O conceito esquizo-paranoide de Melanie Klein exorta – para seu entendimento – percorrer o “ego” no indivíduo e o seu correspondente surgimento; segundo o kleinismo, desde o nascimento, o ser humano já possui “ego” capaz de experimentar ansiedade, com possibilidade de reagir mediante mecanismos de defesas e preparado para construir relações com objetos primitivos na realidade e na fantasia. Além dessas características, surge no indivíduo desde o nascimento, um mecanismo de defesa primitivo que manifesta uma deflexão no instinto de morte. Isso desenvolve a realização de um desejo alucinatório no “ego”, que provoca a formação de uma relação de objeto na fantasia. Destarte, pode-se acrescentar que o “ego” de um recém-nascido, com as suas características de experiências de ansiedade, mecanismo de defesas primitivas e capacidade de relação com o objeto, não é o mesmo que o “ego” de uma criança de seis meses de idade, que já experimentou um “ego” integrado, ou, do “ego” de um adulto plenamente desenvolvido.³

² RYAD, S., Introdução à psicanálise, p. 85.

³ SEGAL, H., Introdução à obra de Melanie Klein, p. 36.

O “ego” rudimentar do indivíduo, ao nascer, percebe a presença de um elemento: o instinto de morte, inconscientemente – angústia primária; a presença do instinto de morte é percebida pelo “ego” como o medo do aniquilamento. Portanto, ante essa percepção, o “ego” entra em funcionamento com sua primeira ação defensiva: a deflexão, dando origem ao primeiro objeto persecutório fora do “ego”. Torna-se propício ressaltar que o “ego” primitivo não se diferencia em realidade externa ou realidade psíquica. Por conseguinte, o “ego”, diante do instinto de morte, divide-se; essa ação se chama divisão, cisão, clivagem ou – em inglês – *splitting*. Essa divisão se percebe no primeiro objeto do bebê: o peito da mãe. Como efeito da defusão dos instintos de vida e de morte, esse primeiro objeto torna-se “peito bom”, na categoria de instinto de vida, e “peito mau”, no que corresponde ao instinto de morte. À vista disso, a defusão dos instintos leva o “ego” a situar-se entre duas forças: a fantasia do “peito bom” e a fantasia do “peito mau”, dessa maneira, a ação da clivagem seria manter separados os peitos “bom” e “mau” para garantir a existência do “peito bom”.⁴

O impulso destrutivo clivado e projetado fora é primeiramente vivido como ligado ao peito materno, que fica portanto dividido num “peito mau” que ameaça o sujeito de devorá-lo (continente de impulsos destrutivos sob forma oral). Simultaneamente, o bebê projeta seu amor e a atribui ao peito gratificante, que se converte no “peito bom”. Então inicialmente existem dois objetos na posição esquizo-paranóide: os peitos “bom” e “mau”, respectivamente ligados a cada parte do ego que se relaciona separadamente com cada um.⁵

A posição esquizo-paranóide no processo de clivagem em relação ao objeto direciona-se ao primeiro objeto do bebê: os peitos “bom” e “mau”, que são percebidos, na realidade subjetiva desse indivíduo, de maneira desintegrada. Para o bebê, são dois peitos independentes e completamente opostos. Sendo assim, pode-se identificar, na sua realidade psíquica, uma relação objetal binária: bom e mau. Segundo Simon Ryad, com relação ao “peito mau”, a reação é de constante defesa que vai acrescentando-se com o tempo. O bebê, no momento do ataque, imagina que esse “peito mau” é despedaçado, conseqüentemente, os inimigos se multiplicam e o “ego” fica ameaçado por uma multidão de agressores, dando

⁴ RYAD, S., Introdução à psicanálise, p. 87-89.

⁵ RYAD, S., Introdução à psicanálise, p. 90-91.

origem a vários “objetos persecutórios”. Estes, ao serem engolidos pelo bebê, são incorporados canibalisticamente – introjetados – na tentativa de livrar-se do inimigo, por conseguinte, os inimigos já não estão fora, senão, dentro do sujeito.⁶

Algumas características da posição esquizo-paranóide podem-se classificar esquematicamente segundo o livro *Vocabulário da Psicanálise* em quatro pontos: do ponto de vista das pulsões, a libido e a agressividade estão presentes e unidas; o objeto do “ego” é o seio da mãe e é considerado parcial; esse objeto é imediatamente dividido em bom e mau, em gratificante e frustrante, em receptor do amor e do ódio da criança; e, por último, esse bom e mau objeto é resultado da ação *splitting*.⁷ Essas características binárias na posição esquizo-paranóide ocasionam no indivíduo – criança recém-nascida – a experiência de “peito bom” e “peito mau” na relação objetal primária de amor e ódio como consequência da gratificação e da frustração na relação. Todos esses termos estão na posição esquizo-paranóide dentro da dinâmica de objeto parcial não integrado, sendo assim, a partir deles, pode se buscar, na próxima posição, o caminho para a integração do objeto como uma só realidade: o mesmo peito é aquele “bom” e “mau”, amado e odiado, gratificante e frustrante.

2. A posição depressiva

O conceito de posição depressiva foi desenvolvido por Melanie Klein no ano 1934, ela não deve ser entendida como uma realidade patológica no indivíduo, mas interpretada em harmonia com a posição esquizo-paranóide no processo de desenvolvimento do indivíduo e percebida como consequência da primeira posição. Em sentido amplo, a posição depressiva – segundo o *Dicionário de Psicanálise* – indica uma modalidade de relação com o objeto posterior à posição persecutória – esquizo-paranóide – que ocorre aproximadamente entre os quatro meses de idade e é superada no transcórre da infância; posteriormente, na idade adulta, é reativada no processo de luto, ou, no pior dos casos, aparece nos estados depressivos.⁸ Esclarecendo mais a idade de surgimento e desenvolvimento dessa posição, o livro *Vocabulário da Psicanálise* destaca o período de surgimento aos 4

⁶ RYAD, S., Introdução à psicanálise, p. 91.

⁷ LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B., Posição paranóide, p. 347.

⁸ ROUDINESCO, E.; PLON, M., Posição depressiva/posição esquizo-paranóide, p. 594.

meses – em harmonia com o pensamento de Roudinesco e Plon – e a sua progressiva superação no transcurso do primeiro ano de vida.⁹

O sofrimento interno e externo ocasionado pela posição esquizo-paranóide provoca no sujeito uma angústia, que não predomina o tempo todo. No momento do estado relaxado e confortável, o bebê não faz experiência de perseguição, aniquilação, pânico ou tristeza, por isso, pode-se afirmar que a posição esquizo-paranóide não é permanente, senão, um estado transitório. As consequências dessa angústia no indivíduo se expressam contra o objeto parcial – não inteiro – por meio de intensas reações sádicas contra o “peito mau” e contra o corpo da mãe. Sendo assim, no transcorrer do primeiro ano de vida, o sujeito vai desenvolvendo, progressivamente, a posição depressiva, e, posteriormente, no transcorrer do segundo ano – como disse Simon Ryad – essas angústias básicas, correspondentes à posição depressiva, vão sendo superadas, expressadas no desenvolvimento da capacidade de integração e adaptação à realidade. Isso dará lugar à chamada neurose infantil, que irá controlar a angústia psicótica depressiva e esquizo-paranóide.¹⁰

Desta maneira, o “ego” vai, progressivamente, aumentando a capacidade de síntese como consequência da própria maturidade, os objetos que eram percebidos de maneira parcial, agora estão sendo integrados gradualmente. A manifestação do processo do amadurecimento pessoal expressa-se na concessão unitária da mãe como uma pessoa inteira e total, portanto, a criança muda “as atitudes emocionais com relação à mãe: ‘sua fixação libidinal pelo peito desenvolve-se em sentimentos para ela como uma pessoa. Assim, sentimentos tanto de natureza destrutiva quanto amorosa são experimentados por um mesmo objeto’”.¹¹

Caracteriza-se pelo seguinte: a criança passa a ser capaz de apreender a mãe como objeto total; a clivagem entre “bom” e “mau” objeto atenua-se, pois as pulsões libidinais e hostis tendem a referir-se ao mesmo objeto; a angústia, chamada depressiva, incide no perigo fantástico de destruir e perder a mãe por causa do sadismo do sujeito; essa angústia é combatida por diversos modos de defesa (defesas maníacas ou defesas mais adequadas: reparação, inibição da agressividade) e superada quando o objeto amado é introjetado de forma estável e tranquilizadora.¹²

⁹ LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B., Posição depressiva, p. 345.

¹⁰ RYAD, S., Introdução à psicanálise, p. 72-73.

¹¹ RYAD, S., Introdução à psicanálise, p. 73.

¹² LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B., Posição depressiva, p. 345.

A criança, no período da posição depressiva, vai integrando os objetos que, na posição esquizo-paranóide, foram divididos; agora, progressivamente, o sentido de unidade e totalidade do objeto é desenvolvido, isso provoca a integração do “peito bom” e do “peito mau” num único objeto, ao mesmo tempo que percebe o peito como integrante de um “objeto maior”: a mãe. Sendo assim, a criança vai compreendendo que o objeto parcial, o peito, forma parte de uma realidade maior: a própria mãe. Essa concepção edifica o relacionamento ao perceber o indivíduo que, ao reagir de maneira sádica contra o “peito mau”, também pode danificar o “peito bom” e, ao mesmo tempo, a mãe que ele ama.

3. O amor, a culpa e a reparação

A posição depressiva, ao ajudar o sujeito – bebê – na relação com o objeto inteiro, proporciona, progressivamente, o sentimento de culpa e reparação pelo dano ocasionado ao objeto amado: a mãe. Essa sensação de “destruição” impulsiona o indivíduo a restaurar o dano ocasionado, esse desejo, posteriormente estendendo-se nos outros objetos amados. Portanto, o sentimento de amor expressa-se progressivamente com o objeto, como disse Hanna Segal, “o amor é colocado mais nitidamente em conflito com o ódio, e age tanto no controle da destrutividade quanto na reparação e na restauração do dano causado”.¹³ Por conseguinte, o amor pelo objeto integrado – mãe – proporciona a capacidade de lidar com os conflitos e direciona os impulsos da criança no sentido de reparação e restauração. Desta maneira, pode-se perceber, que a partir do sentido do amor ao objeto inteiro – que seria o “bom” e o “mau” do objeto –, é capaz de fomentar a tomada de consciência na importância de assumir a responsabilidade dos atos.

Para que a relação com o objeto seja compreendida de maneira clara no pensamento kleiniano – no que se refere ao ritmo natural do desenvolvimento do sujeito – é preciso mencionar a situação emocional do bebê. Por ser a mãe, o objeto de amor e ódio do indivíduo, ela é – ao mesmo tempo – desejada e odiada, uma experiência binária na realidade da criança. Essa situação emocional se manifesta na relação experimental da criança com o objeto mãe, como disse Melanie Klein na sua obra *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945), o sujeito ama a mãe quando satisfaz a sua necessidade de alimentação, proporcionando o peito que acalma a sua fome; mas, se o bebê estiver com fome e a mãe não responder a seu chamado ou não acudir eficientemente ante algum mal-estar ou dor, o sentimento da

¹³ SEGAL, H., Introdução à obra de Melanie Klein, p. 105.

criança se transformaria em ódio e agressividade, consequências da impulsividade destrutiva do sujeito contra o objeto amado.¹⁴

A reparação é um elemento essencial nas relações dos indivíduos. Na realidade psíquica de uma criança, ela está intimamente ligada à posição depressiva, e – essa por sua vez – com a posição esquizo-paranóide. Desta maneira, o resultado de um desenvolvimento natural no indivíduo provocaria a reparação da relação objetual – mãe amada – que, na reação dos impulsos da pulsão de morte, foram danificadas, a eficácia dessa reparação fomentaria no sujeito a conquista da pulsão de vida sobre a pulsão de morte. Ante a importância da reparação nos relacionamentos objetais do sujeito, o livro *Vocabulário da Psicanálise* afirma que:

Mecanismo descrito por Melanie Klein pelo qual o sujeito procura reparar os efeitos produzidos no seu objeto de amor pelas suas fantasias destruidoras. Este mecanismo está ligado à angústia e a culpabilidade depressivas: a reparação fantasmática do objeto materno, externo e interno, permitiria superar a posição depressiva garantindo ao ego uma identificação estável com o objeto benéfico.¹⁵

Outro grupo binário que surge na relação do sujeito com o objeto primário – além da culpa e reparação – é a inveja e gratidão. O primeiro objeto amado – o peito – é invejado pela própria criança na sua realidade psíquica. Segundo Simon Ryad, a inveja aparece no bebê ao pensar, na sua fantasia, que o peito guarda para si o leite, e outros elementos que, na teoria, lhe correspondem: amor e cuidados maternos. A inveja é expressada em ataques ao objeto primário, que são proporcionais: a maior inveja, maiores impulsos agressivos contra o objeto invejado. O elemento que apazigua a inveja, a voracidade e os impulsos destrutivos da criança são a satisfação e a gratidão; entre esses dois últimos, a satisfação é a sustentação da gratidão, por isso, pode-se afirmar que, quando mais experiência de satisfação com o peito, mais experiência de gratidão e maior capacidade de amar.¹⁶

Sendo assim, pode-se dizer que a experiência de gratidão – resultado de uma vivência satisfatória com o objeto – fomenta a capacidade de amar o objeto primário e, junto com a combinação binária de culpa e reparação, edificam as relações do sujeito com o objeto. Essa dupla experiência binária são combinações que constroem

¹⁴ KLEIN, M., Amor, culpa e reparação e outros trabalhos, p. 347.

¹⁵ LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B., Reparação, p. 447.

¹⁶ RYAD, S., Introdução à psicanálise, p. 108-109.

relação na dinâmica do amor. Ante essa realidade, hoje se pode perguntar: será que o pensamento de Melanie Klein pode proporcionar algumas luzes nas relações contemporâneas? É uma realidade que só se aplica às crianças? Como o sentimento de culpa e reparação pode orientar o sentido de responsabilidade social nos indivíduos de hoje? Será que os relacionamentos interpessoais são frutos da integração do “objeto” inteiro? O sujeito moderno, na sua relação pessoal, é um indivíduo inteiro? Ou, ainda mais, pode-se afirmar que, na atualidade, as relações institucionais – políticas, econômicas, sociais e religiosas – desenvolvem a capacidade de amor, culpa e reparação ante as injustiças e pobreza na atualidade?

4. O pensamento kleiniano na dimensão social do Evangelho e no diálogo construtor de paz

A contribuição do pensamento kleiniano na dimensão social do Evangelho pode ser de suma importância, principalmente, no que se refere ao compromisso com o Reino de Deus e na edificação da paz social. Atualmente, pode-se observar, na vida de fé dos discípulos missionários, uma separação entre vivência de fé pessoal e social, e parece que o encontro com Deus se limita ao sentimento de alívio individual, uma sensação terapêutica, sem encontro e comprometimento com o outro. Nessa realidade, o conceito da posição esquizo-paranóide orienta a prestar atenção na clivagem – separação – que pode acontecer nas relações de discípulos missionários, haja vista que a centralidade dessa divisão ocasionaria acolher o “Deus pessoal” e rejeitar o “Deus comunhão”. O encontro com Deus – alívio terapêutico – pode ser chamado de “momento bom” e o encontro com o próximo pode ser definido como confronto: “momento mau”. Duas realidades separadas na prática, mas que, na espiritualidade cristã, forma uma só realidade.

Indagar o sentido amplo da espiritualidade cristã ocasiona, na vida dos seguidores de Jesus Cristo, a dupla dimensão de encontro: Deus – Transcendente – e próximo – semelhante. Ante a tendência atual dos agentes de pastorais de tornar a dinâmica cristã em espaços individualistas, sem comprometimento social, o Papa Francisco, na sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, convida a refletir sobre a vida espiritual, para não confundir com momentos de alívio, sem frutos no encontro com os outros e com o mundo inteiro, sem compromisso com o anúncio do Reino da paz na evangelização. Por isso, é importante perceber que muitos agentes evangelizadores – embora rezem – fomentam uma vida individualista, uma crise de

identidade e um declínio de fervor, três males que, segundo o Sumo Pontífice, se alimentam reciprocamente.¹⁷

O encontro com o “momento mau” da experiência de fé – dimensão social – ocasiona, na vivência da espiritualidade cristã, um confronto; necessariamente, encontrar-se com o semelhante – aquele que pensa, age, opina, vive e se relaciona de maneira diferente – cria conflito. Portanto, pode-se afirmar que o conflito na relação é o parâmetro para garantir o encontro com o outro; em palavras negativas, se não existe conflito, não há relação. À vista disso, um elemento que pode apaziguar o confronto é o sentido de unidade. Assim como a posição depressiva de Melanie Klein ajuda à posição esquizo-paranóide na formação da relação unitária do objeto primário que – ao mesmo tempo – exorta à experiência de culpa e reparação nos danos ocasionados pelo impulso de morte no objeto amado, o sentido de unidade, que prevalece sobre o conflito, ajuda o cristão a suportar a diferença que confronta.

Perante o conflito, alguns se limitam a olhá-lo e passam adiante como se nada fosse, lavam-se as mãos para poder continuar com a sua vida. Outros entram de tal maneira no conflito que ficam prisioneiros, perdem o horizonte, projetam nas instituições as suas próprias confusões e insatisfações, e assim a unidade torna-se impossível. Mas há uma terceira forma, a mais adequada, de enfrentar o conflito: é aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo. “Felizes os pacificadores” (Mt 5,9).¹⁸

Integrar o sentido de unidade à realidade conflitiva provocada no encontro com o outro não significa eliminar, rejeitar ou negar o conflito, ao contrário – ao não ser ignorado – ele é aceito e ressignificado. Se, no pensamento kleiniano de “peito bom” e “peito mau”, o sujeito integra progressivamente esses dois elementos – o objeto amado e odiado – na única realidade: o objeto primitivo, e, se a experiência de “peito bom” fosse suficientemente forte para o instinto de vida triunfar sobre o instinto de morte, o indivíduo passa a amar o mesmo objeto, integrando-o à luz desse amor que ultrapassa a rejeição. Assim, os conflitos e o sentido de unidade devem ser integrados nos relacionamentos humanos a fim de que a unidade seja eficaz sobre o conflito. O fruto desse triunfo é a superação e transformação da realidade conflitiva. Essa missão de unidade que prevalece sobre

¹⁷ EG 78.

¹⁸ EG 227.

o conflito é uma tarefa progressiva e árdua nos relacionamentos humanos, por esse motivo, o Sumo Pontífice menciona que, na construção da paz social, o tempo é superior ao espaço. Sendo assim, os relacionamentos pacíficos – frutos da dimensão social do Evangelho – são uma missão a longo prazo, que necessita da participação e interesse de todas as partes da sociedade.¹⁹

Aqui o modelo não é a esfera, pois não é superior às partes e, nela, cada ponto é equidistante do centro, não havendo diferenças entre um ponto e o outro. O modelo é o poliedro, que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade. Tanto a ação pastoral como a ação política procuram reunir nesse poliedro o melhor de cada um. Ali entram os pobres com a sua cultura (...). É a união dos povos, que, na ordem universal, conservam a sua própria peculiaridade; é a totalidade das pessoas em uma sociedade que procura um bem comum que verdadeiramente incorpore.²⁰

O compromisso social do Evangelho exorta a construir a paz na casa comum, uma paz capaz de suportar os conflitos no longo processo da sua edificação rumo a um bem comum universal, na qual todos os povos e nações tomem parte. A imagem do poliedro – projeto de Igreja do Papa Francisco – ressalta no reconhecimento da pluralidade de nações, culturas, etnias e grupos, e exorta à identificação do modo de ser dessas partes, principalmente, no que se refere a sua identidade; por conseguinte, a consumação da realidade poliédrica provocará, na sociedade, indivíduos e instituições mais tolerantes, inclusivas e respeitosas. O poliedro, por ser uma imagem geométrica que reconhece a pluralidade das partes, sem a perda de identidade – realidade que se percebe no olhar amplo da figura ao não existir opressão de uma parte sobre a outra – implica o cuidado e respeito, principalmente, daquelas partes mais frágeis e vulneráveis da imagem. Se alguma dessas partes ficasse fora ou fosse danificada, todo o poliedro é afetado.

O elemento que possibilita a formação da realidade poliédrica apresentada por Francisco de Roma é o sentido de responsabilidade. Nessa missão ampla e complexa, a teoria de Melanie Klein pode proporcionar algumas luzes, principalmente, no que se refere à culpa e reparação. A teoria menciona que o sujeito, ao perceber o dano causado ao objeto amado e movido pela angústia e culpa, sente a necessidade de restaurar a agressão, sempre com a intenção de recuperar o amor do objeto. Dentro dessa linha de

¹⁹ EG 222.

²⁰ EG 236.

pensamento, pode-se dizer que, para formar a imagem do poliedro, precisa-se do sentido de culpa e reparação para incluir as partes que, por alguma razão, foram danificadas e excluídas da realidade poliédrica. Essa busca de inclusão é possível unicamente pelo amor, se não se ama as partes e não se deseja o bem comum, a imagem do poliedro jamais será uma realidade.

A partir desses pensamentos expostos, pode-se dizer que a inclusão dos pobres, daqueles vulneráveis e frágeis da sociedade, situados nas periferias geográficas e existenciais da vida, é a missão dos discípulos missionários de Jesus Cristo. O movimento de inclusão, rumo ao bem comum e à paz social, é o compromisso do reconhecimento da imagem e semelhança de Deus na pessoa do próximo, e o impulso desse movimento é o amor e a compaixão ensinada pelo Mestre. Sem o cumprimento dessa missão, o anúncio do Evangelho não seria realizado de maneira plena. Por isso, a tarefa de construir a paz social, na imagem do poliedro, passa pela vivência da dimensão social da espiritualidade cristã, no compromisso de cada cristão e comunidade eclesial que sente amor pelo semelhante e por toda a criação. Ao amar: cuida, protege e se transforma em um “instrumento de Deus a serviço da libertação e da promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade. Isto supõe estar docilmente atentos para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo”.²¹

Conclusão

A missão da Igreja de anunciar o Reino da paz implica construir pontes na sociedade, por meio do diálogo e da participação de todos os integrantes do tecido social, partindo dos mais vulneráveis e frágeis, aqueles situados nas periferias geográficas e existenciais. O pensamento kleiniano pode proporcionar, na dinâmica social e na busca da construção da paz, alguns elementos que redirecionem a importância de saber lidar com o conflito. Assim como a posição esquizo-paranóide é uma etapa natural do desenvolvimento humano, o conflito é uma realidade necessária nos relacionamentos, e esses dois elementos devem ser bem desenvolvidos para progredir na integração do sujeito na sociedade.

A posição esquizo-paranóide, a posição depressiva e o amor, culpa e reparação no pensamento de Melanie Klein edificam um sujeito maduro, responsável e íntegro, assim também, o conflito, no pensamento de Francisco, é necessário para unir as partes na figura do poliedro e superar os confrontos que surgem no momento da união e contato com o outro. Desta maneira, refletir e unir os dois pensamentos – Melanie

²¹ EG 187.

e Francisco – neste artigo, ajuda a não fugir da responsabilidade pessoal e social na edificação de relacionamentos sadios e responsáveis, tendo sempre como destino o bem comum e a paz social.

Referências bibliográficas

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.

KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Posição depressiva. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 345-346.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Posição paranóide. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 346-347.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Reparação. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 447-448.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. Klein, Melanie (1882-1960). **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 430-434.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. Posição depressiva/posição esquizo-paranóide. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 594-596.

RYAD, S. **Introdução à psicanálise: Melanie Klein**. São Paulo: EPU, 1986.

SEGAL, H. **Introdução à obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Jairo de Jesus Menezes

Doutor em Família na Sociedade Contemporânea na Universidade Católica do Salvador

Docente em Filosofia e Teologia na Universidade Católica do Salvador
Salvador / BA – Brasil

E-mail: jjmenezes4163@gmail.com



ISSN 2763-9762

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.TeoP.2763-9762.2022v2n3p88

Sergio Esteban González Martínez

Graduado em Teologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Salvador / BA – Brasil

E-mail: sergioestebangonza@gmail.com

Recebido em: 29/09/2021

Aprovado em: 24/03/2022